

Processo de capacitação docente para ensino a distância: análise crítica-reflexiva e aquisição de competências

Alexandre Fabiano de Carvalho
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS – SP – Brasil
afc000@hotmail.com

William Ervedeira Maillaro
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS – SP – Brasil
william.ervedeira@gmail.com

Alfredo Colenci Jr.
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – CEETEPS – SP – Brasil
colenci@terra.com.br

Resumo: O artigo apresenta uma análise crítica-reflexiva sobre os desafios do docente durante o processo de capacitação e aquisição de competências utilizando o ambiente Moodle para ensino a distância.

Palavras-chave: Formação, EaD, Moodle, Workshop de Pós-Graduação.

Abstract: The article presents a critical-reflexive about the challenges of teaching during training and acquiring skills using Moodle environment for distance education.

Key-words: Education, e-learning, Moodle, Post-Grad Workshop.

Introdução

O processo de formação de um docente para ensino a distância (EaD) nem sempre é claro. O professor continua aprendendo na prática, e poucas são as instituições que possuem programas de formação de docentes para o ambiente on-line. Ensinar o professor a lidar com este ambiente de aula eletrônico, e prepará-los para lidar com alunos de uma diversidade cultural imensa, é parte mandatória de um programa de formação de docentes.

O objetivo deste artigo aponta as questões e reflexões que surgiram durante um processo de capacitação de docentes para EaD. Faz referencia principalmente sobre as preocupações do controle da aprendizagem, a forma como os alunos lidam com os meios eletrônicos, o custo emocional decorrente da falta de um professor presencial, as dificuldades de acompanhamento das instruções fornecidas para as atividades, a participação do aluno em trabalhos individuais e em equipes, a evasão dos alunos, ética e relações de trabalho. Versa ainda sobre a aquisição de competências necessárias para a docência na modalidade EaD.

Particularmente entende-se que educação passa por um processo de crise e de enfrentamento de desafios que obriga pensar em políticas públicas,

principalmente com a temática EaD [1]. Neste artigo, a formação do docente para programas EaD, se recorta em uma instituição de ensino superior (IES) privada e voltada para graduação e pós-graduação, e que utiliza o Moodle como ferramenta de ensino e aprendizagem.

Não é o propósito aqui formar um inventário comportamental e técnico de competências para não sobrecarregar a proposta. A análise é feita em forma de um convite a uma reflexão crítica sobre o processo de formação do docente do ponto de vista objeto e do ponto de vista sujeito. As competências aqui relatadas foram construídas durante um processo de capacitação de docentes para EaD. O referencial de competências aqui pode ser lido como diretrizes básicas para esta formação.

Estas não serão as únicas possíveis, e nem possuem a pretensão de se esgotar as discussões e debates sobre o tema. Muito mais empírica e menos teórica, a aquisição destas competências preparam docentes para questionar a realidade dos processos de formação do docente. Desta forma, o artigo possui caráter exploratório e descritivo.

O processo de aquisição de competências

Em primeiro lugar vamos estabelecer um conceito para competências. O próprio conceito em si possui inúmeras vertentes. Deve ir além da fronteira do CHA, ou seja, conhecimentos, habilidades e atitudes já consagrados. Considera-se as competências originárias da própria IES em um processo de construção de competências do docente, como ponto de partida. Leva-se em conta ainda, que os docentes ao colocarem em prática este conjunto, diferem na sua capacidade de entrega e também são afetados pela complexidade, e responsabilidade [2].

Em segundo lugar, observa-se a relação entre a complexidade e o espaço ocupacional na IES. É possível ampliar a complexidade das atribuições e das responsabilidades do docente de acordo com seu domínio das ferramentas e da quantidade de turmas à distância, indicando assim o seu pleno desenvolvimento.

Estes conceitos de entrega, complexidade e espaço ocupacional são discutidos em processos de mapeamento de competências de empresas. Nada impede de que o mesmo seja feito em IES, desde que a mesma tenha claramente desenhado os objetivos e metas da implantação de EaD. Advém destes, as competências necessárias para a formação do docente.

A noção de competência traz uma capacidade de mobilizar recursos cognitivos aplicáveis a uma determinada situação. É, sobretudo, despende energia e tempo para transformar estas competências em situações de aprendizagem, a qual se requer um método de pesquisa, de identificação e solução de problemas. Conhecer os conteúdos da disciplina, planejar a forma de se conduzir a superação de obstáculos à aprendizagem envolvendo os alunos na pesquisa, aguçando a curiosidade devem estar no cerne do trabalho do docente seja presencial ou on-line [3].

Uma prática funcional é formar o docente praticando dentro do mesmo ambiente de trabalho a ser utilizado pelo mesmo quando das aulas à distância. Esta prática é ferramenta de uso para construção do conhecimento, simulando discussões, casos e problemas que podem aparecer durante a condução de uma turma de alunos à distância. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) transformam a maneira de pensar, agir e julgar do docente e do aluno, e a

construção das competências no mesmo ambiente de formação são vitais para o processo.

Em relação ao crescimento do EaD no país, o ABRAEAD, Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância, mais de 2,5 milhões de brasileiros estudaram em cursos à distância em 2007 [6]. Este número para crescer com qualidade de ensino precisa ser respaldado pela formação de docentes para este canal. A construção requer uma revisão de conceitos e nos fatores que interferem na aprendizagem. Novos papéis de interação, habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras precisam ser aprendidos e exercitados pelos professores, e adquiridos como novas competências ou desenvolvimento das que já se adquiriam.

A abordagem destas competências precisa ser realizada no contexto da revolução informacional dando destaque para o EaD como metodologia importante no momento de propagação das TIC levando a educação para uma nova dimensão. Entretanto se faz necessária um balanço entre a facilidade do estudo em qualquer hora e qualquer lugar, dando continuidade aos seus estudos, com a dificuldade de acesso à banda larga e pontos de acesso. Esta discussão é longa e profunda, não sendo objeto deste artigo, mas suscita inquietações durante o processo de formação docente.

Em relação ao ambiente, também temos um capítulo a parte. É necessário um ambiente que traduza em linguagem eletrônica, a transmissão de conhecimento com interatividade. Em um mundo globalizado, o ensino a distância potencializa a educação, desde que tenhamos docentes preparados para o ensino e que realize a capacidade de um ensino sem fronteiras, reconhecendo as dificuldades dos alunos para neste ambiente de aprendizagem. Por isso, um sistema de gerenciamento de aprendizagem é fundamental neste processo.

Se a educação deve ter como preocupação fundamental formar um cidadão participativo, é necessário formar docentes qualificados que conduzam o aluno para aquisição de saberes através de situações de aprendizagem ricas, complexas e diversificadas [1].

O moodle como ferramenta de formação on-line

Os sistemas de gerenciamento de aprendizagem ou Learning Management Systems (LMS) consolidaram um novo paradigma baseado em interatividade e interação que permitem o tratamento, difusão e o controle do processo de construção do conhecimento direcionado pelo docente ao aluno. Ainda oferecem uma gama de recursos para o docente planejar, organizar, dirigir e controlar uma ou várias turmas de alunos dentro dos programas on-line.

Um destes sistemas, o moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é um pacote de aplicações colaborativo, utilizado para produzir conteúdos de grande interatividade. O moodle permite o acesso de alunos e professores a diversas ferramentas de aprendizagem, troca de mensagens, fóruns de discussão, reuniões online, resultando em uma educação colaborativa.

No mundo existem mais de vinte e três milhões de usuários registrados que fazem uso do moodle. O Brasil desponta como o quarto maior em usuários no mundo, atrás do Reino Unido, Espanha e Estados Unidos. Os números impressionam quando se relatam que o número de cursos registrados passa dos

dois milhões [4].

De customização em função das aplicações e foco da IES, é possível para a instituição criar seu próprio ambiente.

O uso da tecnologia como ferramenta pedagógica, não para substituir docentes, o que somente acontecerá em casos em que este é um mero reproduzidor; mas sim, para que o docente use-a para a desconstrução e construção de conhecimentos. O docente emprega-se aqui como provocador, problematizador, fomentando dúvidas, críticas, sem dar respostas prontas, e sim oferecer vias de procura das respostas de cada aluno [5]. Deve usar a tecnologia para alcançar uma prática pedagógica única, e o ambiente moodle permite a exploração de vários recursos audiovisuais para contribuir com esta prática.

Por outro lado, o uso da ferramenta, por melhor que seja não garante a melhoria na qualidade da aprendizagem e pode até piorá-la, tornando-a superficial e aumentando os índices de evasão. A superação da insegurança quanto ao uso da tecnologia

Competências necessárias para o docente on-line

Toda e qualquer reflexão séria sobre sistemas EaD deve apoiar-se numa análise prévia do atual ambiente e da evolução para uma sociedade do conhecimento e sua relação com o saber. Uma primeira constatação envolve a velocidade do surgimento e da renovação dos saberes e do know-how, de tal forma que a maioria das competências adquiridas por uma pessoa entrará em obsolescência em menos de dez anos. A segunda, fortemente ligada à primeira, traz à luz um ambiente no qual trabalhar vale cada vez mais aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. Terceira constatação: o uso de um ambiente eletrônico, amplia, exterioriza e altera muitas funções cognitivas como a memória, a imaginação, a percepção e capacidade de raciocinar [6].

Neste ambiente de velocidade, produção de conhecimento e ampliação das fronteiras cognitivas, o docente deve-se preparar para ser agente de mudança. Ao terminar um processo de formação de docentes on-line, as seguintes inquietações podem surgir:

1) Compreensão ou reconhecimento? Como sujeito da formação, o docente deve ir além de aprender novas práticas, aqui me refiro ao contato com a tecnologia e provocações interativas. É preciso fazer os alunos irem além da compreensão. Os alunos precisam reconhecer o conhecimento a ser construído. E o professor deve viabilizar posicionamentos críticos, fazer com que os alunos questionem e busquem suas próprias respostas.

2) Transferir ou produzir conhecimento? O professor precisa lidar com a maneira como o conhecimento é produzido. Saber que ensinar não se faz apenas transferindo conhecimento. O professor deve criar possibilidades para que os alunos criem seus próprios conhecimentos [7]. Quando se coloca o docente para ser capacitado para EaD deve-se observar uma primeira objeção que é o “para que”. Muitos se colocam na posição de que como já trabalham o ensino presencial, basta somente conhecer uma nova ferramenta. Podemos pensar que se trata de uma limitação geral de nossa capacidade de conhecer e o responsável pela formação destes docentes trabalharem a tolerância e abertura para outro modo de pensar e no sentido de pensar algo novo [8].

3) Que inteligências utilizar? O docente deve ser preparado para utilizar

suas múltiplas inteligências. Howard Gardner define inteligência como uma capacidade de resolver problemas, permitindo ao indivíduo chegar à solução de uma situação-problema através de rotas adequadas [9] e define sete inteligências. No caso de um processo EaD, é possível observar com maior frequência as inteligências interpessoais, intrapessoais e linguística.

Em um ambiente colaborativo, a interação entre aluno e docente faz com que a expressão da inteligência interpessoal seja muito mais apurada do que no ambiente presencial, além de se exercitar com muito mais assertividade a inteligência linguística. O docente deve gerenciar os conflitos entre ele e os alunos, pois problemas como desencontros para reuniões on-line, construção das avaliações individuais e de equipe, mensagens fora do contexto podem acontecer.

Assinalo que a expressão da inteligência interpessoal é fundamental neste processo. O docente deve aprender a usar o ambiente e praticar o exercício do uso dos *emoticons*, cores diferenciadas, escritas sublinhadas, em negrito e em itálico. Ao utilizar com moderação, visando mensagens graficamente equilibradas em ambientes das reuniões on-line, mensagem entre participantes, entrega de atividades e outros, adicionam um fator emocional à comunicação textual.

Ao usar a inteligência linguística, o docente deve tomar cuidado com a interpretação de texto dos alunos e com o uso de uma linguagem nem tanto acadêmica e nem tanto coloquial. No ensino presencial um desentendimento sobre um assunto pode ser resolvido no exato momento. Ao docente EaD, isto está restrito aos acessos ao ambiente e a condição temporal. Um dia de uma informação passada pelo docente que não esteja clara, podem-se gerar várias mensagens e atividades equivocadas.

O docente deve cuidar para que não haja mensagens vazias como: “E aí pessoal?”, “Excelente artigo” ou “gostei da idéia”, estimulando a comunicação assertiva entre os alunos e nas atividades propostas em sala de aula, mensagens, fóruns entre outros.

Por fim, o uso da Netiqueta. Existem regras para a comunicação escrita na internet que prezam pelo bom senso. Entre elas a forma de responder mensagens, réplicas, os cuidados com os *spams* e propagandas, evitar interromper o assunto tratado durante uma reunião on-line entre outros [10].

4) E a comunicação não-verbal? Em uma primeira análise pode-se entender que não existe comunicação não-verbal durante as aulas on-line. Isto dificultaria o aprendizado uma vez que o docente não está caminhando pela sala, mostrando suas expressões faciais, gestos e postura. Para enfrentar esta barreira podemos utilizar a nossa inteligência intrapessoal, como capacidade de autoconhecimento. Ao responder mensagens de alunos criticando trabalhos podemos perceber como o nosso corpo continua falando, ora com uma postura mais fechada, de refutação à colocação, ora esta com um sorriso ao perceber o entendimento do outro lado.

5) Como lidar com a evasão? Podemos apontar ao menos três razões para um aluno evadir o ensino on-line. A primeira é não ter o perfil. Muitos alunos ao ingressarem no ensino on-line não conseguem se organizar para acompanhar de forma assíncrona as atividades e se interagir com os outros colegas. Mesmo em atividades síncronas, como por exemplo, as reuniões on-line para discussão das tarefas, o aluno se sente só do outro lado do computador. A reclamação recorrente é a falta de tempo, o que na verdade, pode se tornar um complicador para o aluno que não consegue se organizar para participar das tarefas. Cabe ao docente estabelecer um processo de controle em três etapas: A primeira com a

tentativa de motivar o aluno a participar do curso, a segunda estabelecer um processo com a coordenação pedagógico para caso a primeira não funcione, se estabeleça um contato pessoal e se entenda as razões da evasão. E somente em uma terceira etapa, convidá-lo a se retirar do curso.

A segunda razão é o ambiente on-line. Muitos alunos ainda têm dificuldades em aprender utilizando ambientes eletrônicos. Esta é a razão da IES optar por uma ferramenta que tenha atratividade para o aluno e que facilite a didática do professor. O ambiente pode-se tornar complexo caso as turmas sejam em grande número, ou seja, classes virtuais deveriam ter no máximo trinta alunos por exemplo. As tarefas em equipe que se executam on-line devem ser criadas e direcionadas pelo docente a terem no máximo cinco participantes.

Um docente que esteja iniciando nesta modalidade deveria ter no máximo quinze alunos e com suporte de outro docente com mais experiência. Infelizmente este número pode parecer baixo para instituições que consideram a aprendizagem on-line como fonte significativa de faturamento se o número de alunos matriculados for alto. No entanto este pode ser um erro grave uma vez que o aluno busca uma alta interação com o professor e seus colegas. Caso eles não se sintam ouvidos, seja por desatenção do professor ou mesmo pelo grande número de alunos, causando atraso nas respostas das atividades, o índice de evasão pode ser alto, superando a casa dos 60% [11]. Controlar o número de alunos é essencial do ponto de vista pedagógico.

A terceira razão é a diversidade. Ao ter a educação mediada por tecnologia, o docente deve respeitar as especificidades de cada aluno, valorizando sua diversidade cultural e problemática das regiões. Um curso aberto receberá alunos de todo país, e até do exterior. Por isso o papel do professor como agente integrador e de colaboração é fundamental no estabelecimento de relações afetivas. O EaD não é simplesmente uma máquina falando com o aluno que está do outro lado. O docente deve estimular a participação dos alunos.

6) Como analisar as funções sociais, pedagógicas e técnicas do docente EaD? O docente como agente social deve criar um ambiente colaborativo e de interação entre os alunos, estimulando a aprendizagem.

Como agente pedagógico deve direcionar discussões, relacionar trabalhos e mensagens enviadas por alunos à literatura, o uso de contra-exemplos para elucidar atividades e problemas levantados, dúvidas sobre o conteúdo programático do curso, ser capaz de aprofundar os conteúdos e compartilhar experiência. O docente deve-se ter em mãos ferramentas para apoio nestas atividades.

Assinalam-se aqui ferramentas como: atividades de quebra-gelo, nas quais os alunos fazem apresentações pessoais e colocam suas expectativas; atividades circulares nas quais os problemas são resolvidos parcialmente por cada aluno, debates assíncronos e síncronos, estudos de caso, simpósios pesquisas e votações.

Como agente técnico: precisa entender como encaminhamento de problemas específicos à equipe de suporte, orientação sobre os procedimentos e esclarecimentos sobre a plataforma, e estabelecer regras de trabalho entre os alunos.

7) Como avaliar os alunos on-line?. Assim como no ensino presencial, a avaliação deve ser em função da aplicação de conhecimentos, frequência, melhora do desempenho, e na cooperação de cada aluno na construção de trabalhos. Por isso é importante ter em mãos um instrumento chamado grade de

correção.

Este instrumento orientará professores e alunos na execução das atividades e na pontuação dos alunos para formação da média. Esta grade informa os requisitos para forma e conteúdo das atividades do ponto de vista da clareza (introdução, justificativa, desenvolvimento e conclusão), correção gramatical e bibliografia. Abrange também linha de raciocínio, coerência, pontos de vista e contribuições dos colegas de equipe, pontualidade e interação.

A ética é fundamental neste processo para que haja respeito aos direitos autorais e que os trabalhos não sejam meras compilações de assuntos encontrados na internet. O docente ao encontrar um trabalho ou comentário que contenha violação de direitos autorais, deve entrar em contato com o aluno por mensagem particular e relatar o fato. Cabe ao docente avaliar a gravidade do caso para dar ou não uma segunda chance de apresentação do trabalho ou atividade.

Para exemplificar, abaixo um modelo adaptado de avaliação de Bassani (2006). Este modelo possui indicadores que contemplam as interações que se constituem a partir de contextos de análise envolvendo sujeito-usuário, ambiente, ferramenta e disciplina [12].

Tabela 1 – Indicadores de avaliação.

Indicadores para avaliação	Como avaliar?
Como o aluno chegou aos resultados apresentados?	Análise das interações individuais
O aluno pesquisa e utiliza fontes suplementares fornecidas pelo professor?	Análise das interações individuais
Qual é a sua contribuição e em que medida é aplicada nas atividades que envolvem a cooperação entre pares? Em: - Chats - Fóruns - Trabalhos em equipe; - Listas de discussão	Número de perguntas e de pontos de vista apresentados Qualidade das respostas aos trabalhos individuais Qualidade das réplicas dos trabalhos de outros alunos Quantidade de mensagem por tema
Qual é o seu estilo de trabalho: - Acessa fontes suplementares de informação - Restringe-se a acessar as fontes dadas pelo professor? - Entra em contato com o professor e com os colegas somente nas datas próximas à entrega dos trabalhos? - Participa das reuniões síncronas do grupo	Histórico de navegação Número de reuniões e intervenções Análise qualitativa das interações
- Qual é a sua assiduidade em atividades apoiadas em aulas on-line, tarefas em grupo e discussões	Análise se a assiduidade é 100%, 75%, 50% ou > 50%

8) Como as relações de trabalho com o docente on-line?. Assunto para

reflexão e discussão. Em uma análise primária, o docente muitas vezes é contratado por projeto, com a carga horária definida pela IES. Porém, isto significa que não há um controle efetivo se o docente acessa a sala de aula em horários em que se deveria pagar adicional noturno ou por ter trabalhado aos fins de semana.

Para uma coerência nas relações trabalhistas deve-se considerar desde os equipamentos utilizados pelos docentes estejam de acordo com o plano pedagógico da instituição e que o atendimento aos alunos seja feito somente dentro do ambiente on-line. O número de alunos por turma também deve ser calculado de uma forma justa que possibilite o docente ter de maneira mais eficaz a construção de conhecimento e que consiga avaliar a todos.

A discussão sobre as relações trabalhistas não acaba aqui neste artigo e fica como sugestão para um debate mais adiante.

Conclusões

Neste artigo foram expostas delimitações possíveis, recortes dentro de um modelo pedagógico de EaD, mas em seu cerne, não menos importante. Estes recortes visaram à reflexão e crítica de um processo de capacitação docente para ensino a distância. Como todo docente que é convidado ou busca uma formação para se tornar docente on-line, se deparará com estes desafios na construção de novas competências para ensinar neste ambiente.

Ao observar o panorama geral do EaD no país, percebe-se que muitas instituições ainda tratam este tema como IaD, ou seja, informação a distância. Cursos que sem a devida formação do docente, se transformam em um verdadeiro repositório de arquivos. Estes programas fracassam, e contribuem para a expansão desordenada e sem critério.

O docente on-line como agente de mudança, deve direcionar o EaD para uma nova forma de aprender, ver, julgar e agir.

Outro lado preocupante é em relação ao acesso de vias rápidas, ou seja, tecnologia de banda larga, para população do país. É preciso uma mudança no cenário de infraestrutura de tecnologia do país de modo que haja uma diminuição nos custos de acesso à banda larga, fomentando a inovação e a isenção de impostos para a aquisição de produtos e serviços relacionados à internet.

As competências aqui levantadas neste artigo na forma de perguntas são provocativas e reflexivas. Cabe ao docente levar estas inquietações aos programas de formação para docentes on-line para que se construa um pensamento convergente no processo de EaD no país. Cabe aqui uma reflexão mais profunda em relação a regulamentação necessária do docente on-line bem como maior clareza das relações trabalhistas.

Conclui-se que o EaD somente será a educação do futuro se houver planejamento e direcionamento para estas competências levantadas neste artigo. A partir daí, assinala-se que o docente deve se apropriar destas competências e colocá-las em ação. O papel do docente é avaliar o EaD além do contexto de uma ou outra instituição, e sim dentro do contexto Brasil para transformá-lo em uma prática nacional e unificada. Por isso a troca de informações à respeito das experiências vividas nos processos de formação de docentes on-line é importantíssima. Espera-se, desta forma, que as reflexões e a experiência apresentada neste artigo contribuam para a consolidação de processos de

formação de docentes para ensino on-line, sempre em uma vertente colaborativa e construtiva.

Referências

- [1] BARRETO, R.G. *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- [2] DUTRA, J. S. *Gestão por competências*. In: DUTRA, J.S. (Org). *Gestão por competências: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas*. São Paulo: Editora Gente 2001
- [3] PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed 2000
- [4] <http://moodle.org/stats/> Acesso em 29 de Junho de 2009.
- [5] ALVES, A.C. *EaD e a formação de formadores*. In: VALENTE, J.A. (Org.). *Formação de educadores a distancia e integração de mídias*. São Paulo: Avercamp, 2007.
- [6] LÉVY, P. *O aprendizado cooperativo e o novo papel dos docentes*. In: *Educação e cybercultura*. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/29.rtf>>. Acesso em: 30.06.09
- [6] <http://www.abraead.com.br/noticias.cod=x1.asp>. Acesso em 29 de Junho de 09
- [7] FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- [8] NICKET, B. *Kant: a força do pensamento autônomo*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2008
- [9] GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995
- [10] <http://www.icmc.usp.br/manuals/BigDummy/netiqueta.html>. Acesso em 30.06.09
- [11] PALLOF,R; PRATT, K. *O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes online*. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- [12] BASSANI, P.S. Avaliação da aprendizagem em ambientes virtuais. In: Behar. P.A.(Org.). *Modelos pedagógicos em educação a distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009.